

Velhas Infecções. Novos Desafios *Old Infections. New Challenges*

O século XXI começa com a promessa de voltarmos às grandes epidemias de doenças infecciosas, que pareciam controladas na segunda metade do século XX.

A magnífica descrição da primeira epidemia europeia de Dengue neste século, presente neste número, é apenas a ponta do iceberg que nos leva a este raciocínio.

Além do Dengue na Madeira, as múltiplas crises de Ébola que matam milhares há mais de 40 anos, tornaram-se de repente uma ameaça séria, porque morreram meia dúzia de pessoas de pele clara. Agora, até uma vacina está prometida para daqui a 6 meses. Entretanto, dentro de portas, assistimos à habitual panóplia de medidas absolutamente extraordinárias, para prevenir o que provavelmente não chegará, para já, às nossas fronteiras. É um panorama a que já assistimos durante a ameaça da gripe das aves e da gripe A.

Mas estas medidas foram rapidamente ultrapassadas na Comunicação Social pela realidade de dezenas de pessoas infectadas com Legionela na região de Vila Franca de Xira. O terceiro maior surto de sempre desta doença a nível mundial ocorre por provável colonização das torres de ar condicionado de uma grande empresa, com eventual contaminação da rede de distribuição de água potável.

Também a Malária vem de modo cíclico a talhe de foice, como uma ameaça renovada, que parece condenada, mais tarde ou mais cedo, a retornar ao território nacional.

A esta paranóia com as doenças infecciosas emergentes ou reemergentes está claramente associada a ideia de desinvestimento nas questões ambientais e na capacidade de resposta dos sistemas de saúde.

E se as questões ambientais estão para além da nossa capacidade de intervenção, quanto à capacidade de resposta dos sistemas de saúde, os internistas, a nível Nacional e Europeu, tem de estar preparados para as acções que estes desafios nos colocam, enquanto médicos hospitalares por excelência e, enquanto gestores do doente dentro destas organizações.

Os novos modelos de organização hospitalar, baseados na Medicina Interna, já no terreno mas ainda em ajustamento contínuo, têm de estar preparados para a resposta a eventuais situações de crise epidémica. E os internistas são claramente os Stem Doctors que se podem rapidamente diferenciar no que o sistema necessitar em cada instante.

Porque os animais que sobrevivem à mudança não são os mais fortes. São que têm melhor capacidade de adaptação. E aí meus caros amigos e colegas, a Medicina Interna com os seus especialistas, está claramente na linha da frente.

António Martins Baptista